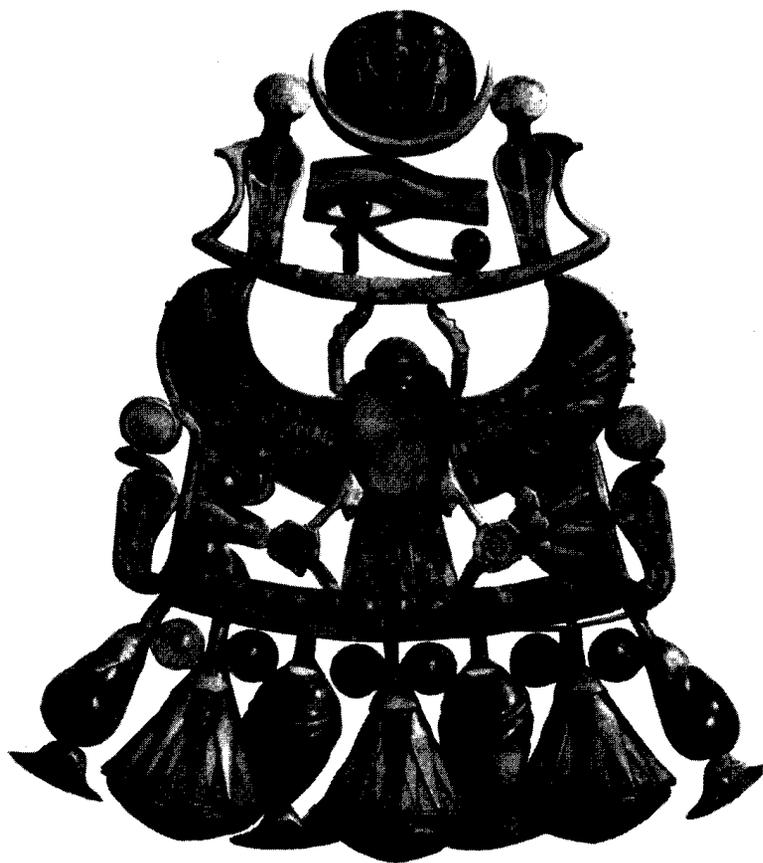


MARGARET BAKOS
(ORGANIZADORA)

EGIPTOMANIA

O EGITO NO BRASIL

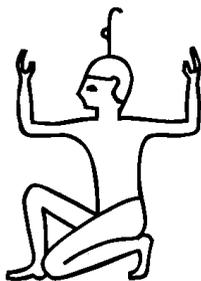


PARIS
Editorial



BIBLIOTECA PARTICULAR
Prof. Dr. ANTONIO BRANCAGLION Jr.

COLEÇÕES EGÍPCIAS NO PAÍS



Antonio Brancaglion Jr

Conta-se que um certo Nicolau Fiengo teria desembarcado no Rio de Janeiro no ano de 1824, proveniente da Europa, trazendo consigo estranha bagagem: grandes caixotes de madeira, carregados de objetos nunca vistos do lado de cá do Atlântico. Era uma valiosa coleção de relíquias do antigo Egito, composta por artefatos de natureza religiosa e algumas múmias.

Pouco se sabe sobre o tal Fiengo e existem dúvidas sobre sua nacionalidade. Na chegada, se declarou francês, mas pouco depois, com o nome de Tiengo, apareceria como italiano no registro de estrangeiros. O destino do misterioso Nicolau Fiengo e da inusitada e preciosa carga era na verdade a Argentina.

Há versões que indicam que a coleção seria uma encomenda expressa do governador de Buenos Aires, Juan Manuel Ortiz de Rosas. O mais provável, contudo, é que o então presidente argentino, Bernardo Rivadavia, criador da Universidade de Buenos Aires e grande entusiasta de museus, tenha sido o verdadeiro destinatário das relíquias. O fato é que as peças não foram entregues ao seu comprador original, independentemente de quem as tenha encomendado,

Novamente, a história aqui é cercada por controvérsias. Há quem defenda que, temendo a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, Fiengo desfez-se rapidamente das peças e partiu. Noutra versão, por ter encontrado distúrbios políticos na capital argentina, voltou ao Brasil com coleção, onde a leiloou. Já um antigo jornal carioca, o *Astrea*, divulgou na edição de 29 de julho de 1826 que Fiengo trouxera os objetos de Marselha e, devido a um bloqueio no Rio da Prata, retornara de Montevideu, no Uruguai, para o Rio de Janeiro, expondo na alfândega os caixotes com as múmias e outras peças egípcias.

A única certeza que se tem sobre tudo isso é que, em 1827, a coleção de relíquias egípcias foi arrematada pelo imperador D. Pedro I, pela quantia de cinco contos de réis, pagas à prestação, com parcelas nos prazos de seis, doze e dezoito meses. As peças foram doadas ao Museu Real, provavelmente seguindo os conselhos de José Bonifácio, que era maçom, por certo inspirado pelo notório interesse desta confraria nas questões do Egito antigo.

De qualquer modo, aquela entraria para a história como a primeira coleção egípcia das Américas, caracterizando a iniciativa pioneira de D. Pedro I. Nessa mesma época, na França, era criada por decreto real uma sala no museu do Louvre consagrada aos monumentos egípcios – que teria Champollion, o decifrador da célebre Pedra de Roseta, nomeado seu conservador.

O interesse inicial de Pedro I pelo Egito, somado às viagens exploratórias de seu filho, Pedro II, fizeram do acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, uma coleção de fundamental relevância arqueológica, a ponto de chamar a atenção de importantes pesquisadores internacionais¹, a começar por Alberto Childe, nomeado conservador de arqueologia do Museu Nacional em 1912, função que ocupou até aposentar-se em 1938.

Entre as obras relacionadas no acervo do Museu Nacional, encontram-se belíssimos esquifes do III Período Intermediário e da Baixa Época egípcia (cerca de 1069-600 a.C.), como os dos sacerdotes de Ámon Hori, Pestjef e Harsiese. Há também uma importante coleção de estelas votivas e funerárias. A maior parte data do Médio e Novo Impérios, entre as quais se destacam as estelas de Raia e Haunefer, da XIX Dinastia (cerca de 1295-1186 a.C.), que apresentam títulos de origem semítica presentes na *Bíblia* e nos tabletes cuneiformes em Mari, além de uma estela inacabada, atribuída ao imperador Tibério, do Período Romano (332-30 a.C.).

Igualmente interessante é a estatueta de uma jovem, em calcário pintado, um dos raros exemplos conhecidos de escultura portando um cone de unguentos sobre a cabeça. Esta representação é vista quase que exclusivamente em pinturas e relevos.

Destaca-se ainda a bela coleção de estatuetas representando servidores funerários chamados *shabti* ou *ushabti* que, freqüentemente

mumiformes, eram feitas com diversos tipos de materiais. Postas nas tumbas, substituíaam magicamente o morto na execução dos trabalhos que este seria chamado a realizar no Outro Mundo. Geralmente trazem nas mãos instrumentos agrícolas e apresentam, ao longo do corpo, inscrições do capítulo VI do *Livro dos Mortos* ou, simplesmente, o nome e títulos do morto. Do acervo, algumas pertenceram ao faraó Séthi I e foram descobertas em sua tumba no Vale dos Reis, por Belzoni, em 1917.

Completando a série, há vasos canopos, estatuetas de divindades em bronze, vasos de alabastro e imagens de Ptah-Sokar-Osíris. Contudo, desde a chegada da coleção ao Brasil, foram as múmias, tanto humanas quanto de animais, que despertaram maior interesse do público.

São ao todo seis múmias humanas, quatro de adultos e duas de crianças. Além da múmia de Sha-Amun-em-su, existe ainda a de Harsiese, com o sudário externo e os restos da rede de contas de faiança, que originalmente cobria toda a parte superior da múmia e sobre a qual estavam fixados amuletos, como o escaravelho alado e imagens dos quatro filhos de Hórus, todos em faiança.

Em agosto de 1995, uma forte tempestade fez com que a chuva atingisse parte da reserva técnica, inclusive a múmia de Hori, com o sudário externo original. Desde então, ela e as demais múmias do acervo são submetidas à uma série de tratamentos, sendo o mais recente a conservação em atmosfera inerte, técnica semelhante àquela utilizada no Museu do Cairo.

Há também a raríssima múmia feminina do Período Romano (posterior a 305 a.C.). Iguais a essa só existem outras oito em museus europeus. Ela se destaca pelo tratamento externo do corpo, método semelhante ao utilizado nas primeiras múmias datadas do Antigo Império. Membros, dedos das mãos e dos pés foram enfaixados individualmente e, decorando o corpo, foram pintados, nas faixas, peitoral e cinturão. Quando de sua exposição, por Fiengo, na alfândega do Rio de Janeiro, foi apelidada “Princesa do Sol”.

Sobre ela, há uma série de histórias curiosas. A maioria delas ocorreu a partir da década de 1950, quando o professor Victor Staviarski ingressou naquela instituição, integrando a Sociedade de Amigos do Museu Nacional. Engenheiro de formação e entusiasta das ciências biológicas e da filosofia, durante mais de uma década Staviarski ministrou cursos no museu sobre egiptologia e escrita hieroglífica. Interessado também em parapsicologia e

ciências ocultas, promovia “experiências” com seus alunos, voltando-se principalmente para a “Princesa do Sol”. Ao som da ópera Aida e, às vezes, utilizando slides sobre o Egito, tentava induzir transe aos participantes.

Certa vez, durante a sessão, uma mulher em transe teria “revelado” a identidade e a história da múmia. Seria uma princesa egípcia, Kherima, virgem assassinada a punhaladas por um cortesão que a amava, mas não era correspondido. Esta história originou o romance *O segredo da múmia* (1959), do jornalista Ewerton Ralph, membro da Sociedade Rosa Cruz. Como resultado das sessões de Staviarski e do livro de Ralph, as salas antigas Humboldt e Champollion, onde a coleção era exposta, passaram a receber a visita de centenas de curiosos, que iam ao museu em busca de contatos com os espíritos dos egípcios antigos. Em mais de uma ocasião, a vitrine que guardava a múmia da jovem do Período Romano apareceu coberta por flores e com bilhetes implorando graças.

Quanto às duas curiosas múmias de criança, uma pertence ao III Período Intermediário (cerca de 1070-767 a.C.) e tinha aproximadamente seis anos de idade ao morrer, enquanto a outra, menor, é proveniente do Período Romano (30 a.C.-395 d.C) e pertencia a um bebê de aproximadamente um ano de idade. Além das múmias inteiras, há no acervo do Museu Nacional quatro cabeças de adultos mumificadas, uma delas com os cabelos trançados, e quatro pés humanos também mumificados. Um deles apresenta restos de ataduras decoradas com motivos geométricos coloridos. Existem ainda duas mãos e dedos ainda com bandagens.

A partir do século XVIII tornou-se lucrativo o comércio de partes de corpos egípcios mumificados. Na busca por jóias e amuletos, as múmias eram despedaçadas e seus restos, principalmente cabeças, pés e mãos, eram vendidas como souvenirs aos europeus, enquanto os troncos eram moídos para a obtenção de um pó, considerado possuidor de propriedades curativas.

Esta prática é mencionada pelo médico árabe Ibn Sina (Avicenna) já no século XI e está presente também no trabalho de outro médico árabe, Abd el Latif. O pó, após misturado à água, era aquecido para que vapores fossem inalados ou dissolvidos para ingestão, com a finalidade de curar abscessos, fraturas, paralisias, náuseas, úlceras e até epilepsia.

O pó de múmia aparece ainda nas listas de substâncias medicinais na maioria dos textos médicos latinos. Seu uso foi tão comum que é mencio-

nado mesmo em textos literários, como em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, tendo sido utilizado até o século XIX. Quando a rainha Vitória da Inglaterra adoeceu, recebeu do rei da Pérsia um frasco contendo pó de múmia para ajudar em seu tratamento de saúde. Ainda no início do século XX, o pó era amplamente utilizado também na fabricação de pigmentos utilizados na pintura, pois era considerado um conservante das cores e, por meio dele, obtinha-se uma cor chamada “marrom múmia”.

A exposição egípcia do Museu Nacional passou por algumas remodelações ao longo dos anos. As mais significativas foram a realizada nos anos 1970, na gestão do dr. José Lacerda de Araújo Feio e, mais recentemente, em 2001, quando foi completamente reformulada, ganhando espaço destacado, com novas vitrines, na gestão do prof. dr. Luiz Fernando Dias Duarte. No acervo do Museu Nacional, além das múmias humanas, existe uma pequena coleção de múmias de animais: gatos, íbis, peixes e filhotes de crocodilos.

A COLEÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP

Menos conhecidas que a do Museu Nacional, existem outras relevantes coleções egípcias no Brasil. Todas foram formadas com doações e aquisições de coleções particulares, adquiridas na Europa e no Egito. Para abrigar a coleção Mediterrânea e Médio Oriental, a Universidade de São Paulo (USP), em 1963, criou o Museu de Arte e Arqueologia, posteriormente chamado Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), localizado no *campus* da Cidade Universitária. Em caráter provisório, localizou-se, durante muitos anos, no edifício do Departamento de História e Geografia. Mais tarde, a exposição foi transferida para um dos edifícios do centro residencial da USP, onde ocupava o 5º andar.

Parte dessa coleção egípcia é formada por 36 objetos que pertenceram à sra. Vera Bezzi Guida, do Rio de Janeiro, que os deixou, a partir de 1966, aos cuidados do MAE para estudo e exposição. Esses objetos foram herdados de seu avô, o engenheiro italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi, que os adquiriu no final do século XIX. Em 1976, a coleção, que então despertava também o interesse do Museu Britânico, foi comprada e incorporada definitivamente ao acervo do MAE.

A coleção é composta, especialmente, por *shabtis*, com destaque para um, em madeira recoberta com resina preta, provavelmente pertencente à mesma série encontrada por Belzoni na tumba do faraó Séthi I, fazendo parte, portanto, do mesmo grupo das que se encontram no Museu Nacional. Há ainda amuletos, estatuetas em bronze de divindades e um vaso canopo em faiança, com tampa em forma de cabeça humana.

Outro grupo, composto por 27 objetos, provém da coleção do sr. Hermann Tapajós Hipp, também formada por objetos freqüentemente presentes em coleções particulares: escaravinhos, amuletos e *shabtis*. Destaca-se, nesse grupo específico, o fragmento de um relevo com um rosto feminino em estilo “amarniano”, de feições muito semelhantes às da família de Amenhotep IV – Akhenaton. Este interessante fragmento é, aliás, o único a possuir origem determinada representa a princesa Maketaton, uma das filhas do faraó Akhenaton, e teria sido retirado da Tumba Real em Tell el-Amarna, pelo egiptólogo alemão Walter Wreszinski (1880-1935). Há ainda a tampa de esquife em madeira policromada da XXII Dinastia, adquirida e doada pela cotização de alunos e professores do Departamento de História da USP.

Outros objetos foram doados ao Museu pela sra. Vera Maluf, a exemplo da máscara em cartonagem e um falcão mumificado do Período Romano (332-30 a.C.). Outros colecionadores, como os srs. Edgardo Pires Ferreira e Ciro Flamarion Santana Cardoso, também doaram pequenos objetos, como amuletos e imagens votivas. Mas a maior parte dos artefatos da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP foi adquirida com a ajuda da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com a finalidade de consolidar um núcleo de pesquisas científicas em Arqueologia Mediterrânea e Médio Oriental. Em 1989, a USP unificou todas as suas coleções arqueológicas e etnológicas no Museu de Arqueologia e Etnologia, localizado atualmente em um edifício próximo à prefeitura da Cidade Universitária.

Desta forma, reuniu-se a esta rica coleção egípcia o acervo adquirido, em 1905, pelo Museu Paulista e a Coleção Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia, formada por volta de 1930. A primeira conta com aproximadamente cinquenta objetos, incluindo amuletos, pequenos *shabtis* em faiança e pequenas figuras de animais em bronze, além de terracotas do

Período Romano (332-30 a.C.) com representações de Bés, Ísis e Harpócrates. A segunda compreende alguns amuletos em faiança e pequenos escaravelhos. Aproximadamente metade da coleção egípcia encontra-se na exposição permanente e o restante está guardado em sua reserva.

A COLEÇÃO DE PIETRO MARIA BARDI

Ainda em São Paulo, temos uma pequena coleção egípcia no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), que pertencia, originalmente, a seu fundador, o jornalista e *marchand* italiano, naturalizado brasileiro, Pietro Maria Bardi. Inicialmente, tais objetos eram expostos na sede anterior da instituição, na rua 7 de Abril, onde Bardi os utilizava nos cursos de história da arte, juntamente com painéis ilustrativos sobre arte faraônica. Em 1968, com a transferência do museu para a sede definitiva, na avenida Paulista, os objetos ficaram durante algum tempo expostos na entrada da biblioteca. Em 1976, Bardi e sua esposa, Lina Bo Bardi, oficializaram a doação de parte desta coleção, composta por 22 objetos, a maioria datados do III Período Intermediário até o Período Romano (332-30 a.C.).

Essencialmente formada por objetos religiosos, testemunhos de crenças pessoais, a exemplo das imagens predominantes em bronze da família “Osiriaca”, a estatuária divina também aparece sob a forma de animais sagrados, em bronze. Estão presentes a estatueta do touro Ápis; o relicário com a imagem de Hórus em forma de falcão, usando a Cora do Alto e do Baixo Egito; o deus Thoth sob a forma de íbis e a elegante figura da deusa Bastet, em forma de gata. O culto aos animais é representado também pela magnífica imagem de um babuíno hamandrias que, em basalto, originalmente com os olhos incrustados, é obra de um escultor de grande perícia.

Destaca-se também o fragmento de uma pintura tumular, em afresco sobre gesso, ainda preso à grossa camada de limo e palha, utilizado como revestimento para nivelar as paredes das capelas funerárias da região tebana. Apresenta a imagem de um sacerdote com as mãos erguidas segurando vasos de libação.

Parte da antiga coleção particular de Bardi encontra-se guardada na Fundação Lina Bo e Pietro Maria Bardi, na antiga residência do casal, e junto com achados arqueológicos de outras culturas constituem um pe-

queno grupo de catorze objetos. Entre eles, amuletos com imagens de divindades, *shabtis* e uma pequena estatueta em faiança, com a representação erótica de um casal, muito bem preservada. Há também uma estela funerária com o topo arredondado, provavelmente do Médio Império, da XII ou XIII dinastia (cerca de 1700 a.C.), e dois painéis em madeira estucada, provavelmente parte de um tabernáculo, do Período Ptolomaico ou Romano (332-30 a.C.). Destaca-se ainda, nessa coleção, a representação, em calcário, de um casal sentado, lado a lado, belo exemplar da grande estatuária egípcia, característica da elite tebana do Período Ramessida (cerca de 1213-1069 a.C.). Estátuas desse tipo eram colocadas nas capelas das tumbas e, diante delas, realizados ritos funerários e feitas oferendas em favor dos espíritos dos mortos.

O EGITO NA COLEÇÃO DE EVA KLABIN RAPAPORT

Eva Klabin Rapaport, ainda muito jovem, herdou de seu pai o hábito de colecionar, tendo o interesse voltado para a arte clássica e o Renascimento italiano. Contudo, formou também uma relevante coleção egípcia, com objetos adquiridos em sua maior parte na Suíça e dos quais não existem, infelizmente, referências sobre a procedência original. Alguns poucos artefatos foram adquiridos da coleção do sr. Willibald Duschnitz, de Viena, e a estátua em madeira representando um oficial fazia parte da coleção do dr. Leo C. Collins, de Nova York.

Todo o acervo, formado ao longo de sessenta anos, encontra-se hoje na Fundação Eva Klabin Rapaport, instituição concebida pela própria Eva para abrigar sua coleção de arte. Fundada em 1990, funciona na casa em que a proprietária viveu, no bairro da Lagoa, Rio de Janeiro. Além de centro cultural, também promove pesquisas e estudos sobre a coleção que, no setor egípcio, é composta por 34 objetos, cobrindo praticamente todos os períodos da história egípcia e, muitos deles, sobressaem-se pelo grande valor arqueológico e artístico.

Destacam-se dois fragmentos de relevo. O maior deles representa uma deusa com corpo humano e cabeça de leoa. É provavelmente uma imagem da deusa Sekhmet, do III Período Intermediário, finamente esculpida em calcário. O outro faz parte de uma cena da Quarta Hora do Mundo Inferi-

or (Duat), representando cinco cabeças humanas com o disco solar, cada uma sobre uma estrela. Essa cena é característica da decoração das tumbas reais do Vale dos Reis, mais especificamente da época dos Ramessés.

Igualmente interessante são alguns exemplares de estatuária, entre eles a cabeça de um faraó desconhecido, em gabro, usando o toucado *nemes*. São também peças importantes da coleção a grande estela funerária, com o topo arredondado, de um oficial chamado Tuthmés e sua esposa Amenemopet, que viveram durante o reinado de Amenhotep III (cerca de 1380 a.C.). A peça, provavelmente, é originária de Tebas, e ainda preserva boa parte das cores originais.

Há ainda o belo esquite em forma de felino, de madeira coberta de gesso e restos de pintura, ainda fechado, contendo a múmia de um gato. Está datado como pertencente ao Período Romano (332-30 a.C.) e provavelmente veio das grandes necrópoles de animais do Baixo Egito. Outro testemunho da devoção egípcia pelos animais é o delicado olho em lápis lázuli, calcário e obsidiana, que originalmente fazia parte da máscara mortuária da múmia de um touro sagrado, datado como sendo do Período Ptolomaico (cerca de 304 a.C.).

Por fim, a coleção contém duas máscaras funerárias, em gesso, do Período Romano (332-30 a.C.). Há restos de pintura nas peças e, em uma delas, olhos incrustados, semelhantes às máscaras encontradas em Tuna el-Gebel, do I-II séculos d.C.

A COLEÇÃO MINEIRA

No Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, Minas Gerais, encontra-se um diminuto acervo de peças egípcias. O museu, fundado em 1921 por Alfredo Ferreira Lage, possui uma pequena estela muito bem conservada, de cores vivas, em que aparece o morto fazendo oferendas diante de Osíris-Sekher, divindade mumiforme, com cabeça de falcão, característica do III Período Intermediário (cerca de 945-818 a.C.). Esta peça foi doada pela viscondessa de Cavalcanti, que a comprou em 1884, na Alemanha. O museu conta ainda com o rosto de um esquite em madeira com restos de pintura e um bom exemplar de *shabti*, em madeira, com o tradicional texto do capítulo VI do *Livro dos Mortos*, datado de cerca de 664-525 a.C.

UM BOM INVESTIMENTO FINANCEIRO E CULTURAL

Além dos acervos de museus e fundações existem também coleções egípcias particulares, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. As peças são adquiridas, principalmente, em leilões internacionais de antiguidades. Seus proprietários são movidos tanto pela beleza estética, que ultrapassa o tempo, como pelo investimento financeiro, modalidade cada vez mais freqüente em todo o mundo, graças à valorização da arte egípcia no mercado internacional.

As coleções egípcias brasileiras exercem grande poder de fascinação sobre o público, tanto jovem quanto adulto, e estão longe de ter o seu potencial educativo e científico esgotado. Vêm despertando, também, o interesse crescente de estudiosos internacionais, e podem, inclusive, servir de base para futuros pesquisadores de egiptologia do Brasil.

NOTAS

1. Jean Capart, pai da egiptologia belga, obteve permissão para fotografar alguns objetos da coleção, cujas reproduções atualmente encontram-se no acervo da Fondation Égyptologique Reine Élisabeth.

O egiptólogo alemão Hermann Ranke (1878-1953) traduziu nomes pessoais de várias estelas da coleção e publicou no *Die ägyptischen Personennamen*I, enquanto seu compatriota, Hermann Grapow (1885-1967) traduziu, principalmente, as estelas do Médio Império e, como colaborador de Adolphe Erman (1854-1937), publicou-as no grande dicionário *Wörterbuch der ägyptischen Sprache* (1926-31).

O egiptólogo belga Baudoin van de Walle (1901-1988) publicou as estelas de Sahi (XII-XIII dinastias, cerca de 1991-1668 a.C.) na *Revue d'Égyptologie* (1963, n. 3) e o egiptólogo americano Alan R. Schulman publicou o belo fragmento em baixo relevo de uma capela votiva de Meriptah (XVIII dinastia, reinado de Amenhotep III) no *Journal of the American Research Center in Egypt* (1963) e a estela de Bakenwer na *Biblioteca Orientalis* (1986, n. 43). Mas o único estudo sistemático da coleção foi feito pelo egiptólogo inglês Kenneth A. Kitchen com o título *Catálogo da coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro* (1990).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCAGLION, Antonio Jr. *Arqueologia e religião funerária: a propósito do acervo egípcio do MAE*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1993.
- BRANCAGLION, Antonio Jr. *Tempo, matéria e permanência: o Egito na coleção Eva Klabin Rapaport*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FEKR, 2002.
- CHILDE, Alberto. *Guia das collecções de archeologia clássica do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

- DAWSON, Warren R.; UPHILL, Eric P. *Who was who in Egyptology*. London: The Egypt Exploration Society, 1995.
- KITCHEN, Kenneth A. *Catálogo da coleção do Egito antigo existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro*. Warminster: Aris & Phillips, 1988, 2 vols.
- SANTOS, Francisco Marques. "Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil à Europa e Egito (1871-1872)". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1945. n. 188, pp. 55-91.
- TAUNAY, Afonso de E. "D. Pedro II. Viagem ao Alto Nilo, em 1876". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1912, 72, 2ª parte.
- ZIEGLER, Christiane; HUMBERT, Jean-Marcel; PANTAZZI, Michael. *Egyptomania: L'Égypte dans l'art occidental, 1730-1930*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1994.